

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA – MIZPÁ

Luana Rodrigues de Lira

Antropologia

Sergio Buarque de Holanda

Biografia

Sérgio Buarque de Holanda (São Paulo, São Paulo, 1902 - idem, 1982). Historiador, ensaísta, crítico literário e professor. Aos 20 anos muda-se para o Rio de Janeiro, e faz o curso de direito. Envolve-se com o movimento modernista desde o primeiro momento, atuando como representante da Revista Klaxon no Rio de Janeiro e publicando as três edições da revista Estética, com Prudente de Moraes Neto (1904 - 1977) e Graça Aranha (1868 - 1931). Em 1929, viaja para a Alemanha, onde frequenta aulas de história e ciências sociais, ganha intimidade com a língua alemã e assiste à ascensão do nazismo. Na década de 1930, de volta ao Brasil, inicia suas atividades de pesquisa historiográfica e acadêmica, assumindo as cadeiras de história da América e cultura luso-brasileira na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, então capital da República. Publica Raízes do Brasil, em 1936, inaugurando a coleção Documentos Brasileiros, dirigida por Gilberto Freyre (1900- 1987).

A interpretação do Brasil e sua cultura nessa obra torna-se um marco e uma referência para gerações, além de abrir caminhos para a historiografia brasileira, até então presa aos parâmetros cientificistas da virada do século. Em 1940 assume a seção de crítica literária do jornal carioca Diário de Notícias, em substituição a Mário de Andrade, e segue, com poucas interrupções na atividade de crítico regular, até fins dos anos 1950. Nesse período, também colabora em revistas e outros suplementos literários do país, como dos jornais O Estado de S. Paulo, Correio Paulistano, Diário de S. Paulo e Folha da Manhã. Tem importante participação na fundação da Associação Brasileira de Escritores, em 1942 e no 1º Congresso Brasileiro de Escritores, em 1945, no qual se manifesta a favor das liberdades democráticas. Reafirmando suas posições políticas, ainda na década de 1940, integra o grupo fundador da Esquerda Democrática (origem do Partido Socialista Brasileiro - PSB).

Nos anos 1950 reside em Roma, prossegue com suas pesquisas, dá aulas e profere palestras sobre temas brasileiros. Assume, em 1956, a cátedra de história da

civilização brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), entidade com a qual estabelece profunda relação e em que cria o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Publica outra obra marcante da historiografia brasileira, Visão do Paraíso, em 1959. Depois do golpe militar de 1964, participa do foco de oposição Centro Brasil Democrático e, um dia após o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que aposenta discricionariamente professores da USP, pede demissão de suas funções acadêmicas e passa a trabalhar em casa. Durante os anos 1970, escreve prefácios literários e historiográficos, seleciona poemas para uma antologia de Vinicius de Moraes (1913 - 1980) e publica a coleção de ensaios Tentativas de Mitologia. No final da década, em 1979, participa da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT).

Frases e Pensamentos:

“A inimizade pode ser tão cordial quanto a amizade.”

“No fim tudo dá certo, e se não deu certo é porque ainda não chegou ao fim.”

“As únicas pessoas que me agradam são as que estão loucas: loucas por viver, loucas por falar, loucas por salvarem-se.”

“A mudança de opiniões é num pensador, o sinal mais evidente de sua vitalidade. Só os imbecis têm opiniões eternamente fixas.”

“Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são, muitas vezes mais interessantes.”

“Vivemos entre dois mundos: um definitivamente morto e outro que luta por vir a luz do dia.”

“O brasileiro é suscetível a influências estrangeiras.”

“A história não é a prisão ao passado. Ela é a mudança, é o movimento, é transformação.”

Principais obras:

- Raízes do Brasil. Rio de Janeiro, 1936.
- Cobra de vidro. São Paulo, 1944.
- Monções. Rio de Janeiro, 1945.
- Expansão paulista em fins do século XVI e princípio do século XVII. São Paulo, 1948.
- Caminhos e Fronteiras. Rio de Janeiro, 1957.
- Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo, 1959.
- História Geral da Civilização Brasileira (em coautoria). 1961.
- Do Império à República. São Paulo, 1972. (História geral da civilização brasileira, tomo II, vol. 5).
- Tentativas de mitologia. São Paulo, 1979.
- O extremo Oeste (obra póstuma). São Paulo, 1986.
- Livro dos prefácios. São Paulo, 1996 (coletânea de prefácios escritos pelo autor).
- Para uma nova história (org. Marcos Costa). São Paulo, 2004. (coletânea de textos publicados, quase todos, em jornais de notícias).

Uma contribuição importante

No livro *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda desenvolve o tema do *homem cordial* como uma descrição do que é o brasileiro. De acordo com esse conceito, virtudes tão elogiadas por estrangeiros como hospitalidade e generosidade representam “um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece viva e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano”. Logo, as raízes do caráter brasileiro se encontram no meio rural e patriarcal do período colonial. O “homem cordial” é, segundo essa definição, “a forma natural e viva que se converteu em fórmula”. Mas essas virtudes não são sinônimos de bons modos, muito menos de bondade ou amizade. No fundo, a nossa forma de convívio social é “justamente o contrário da polidez”. Ou seja, a atitude polida equivale a um disfarce que permite cada qual preservar sua sensibilidade e suas emoções e, com

essa máscara, “o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social”. A “cordialidade” descrita por Holanda faz com que o brasileiro sinta, ao mesmo tempo, o desejo de estabelecer intimidade e o horror a qualquer convencionalismo ou formalismo social. Na prática, isto faz com que as relações familiares continuem a ser o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. Por isso, em geral, os indivíduos não conseguem compreender a distinção fundamental entre as instâncias públicas e privadas, principalmente entre o Estado e a família.